

O RURAL ESTÁ NO URBANO, O URBANO ESTÁ NO RURAL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO ESPAÇO

Caroline Marci Fagundes Coutinho¹
Maria do Carmo dos Santos Carvalho¹
Andréa Maria Narciso Rocha de Paula²
Maria da Luz Alves Ferreira²

Universidade Estadual de Montes Claros
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social
Avenida Ruy Braga, s/n, Vila Mauricéia – Montes Claros/MG CEP 39.401-089
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro - Prédio 3 – Sala 111
ppgdsunimontes@ymail.com.br

RESUMO

Pensar na relação entre rural e urbano é ir além da questão do território. Hoje é clara que a formação do espaço está intimamente ligada às questões sociais e econômicas. A cidade foi surgindo e se consolidando como local de importância a partir das transformações do campo. O campo, por sua vez, adquiriu nova roupagem a partir da demanda da cidade. A proposta deste ensaio é apresentar algumas considerações de autores clássicos das ciências sociais sobre o rural e o urbano, utilizando também a esfera do conceito de espaço ao apresentar questões relacionadas à cidade e ao campo. Ao final deste texto foi possível considerar que as relações entre o rural e urbano, mesmo em constante mudança, estão intimamente ligadas entre si.

Palavras chaves: Rural, Urbano, Espaço.

ABSTRACT

Think of the relationship between rural and urban is to go beyond the question of territory. Today it is clear that the formation of space is closely linked to social and economic issues. The city was emerging and consolidating as a place of importance to the transformations of the field. The field, in turn, bought new clothes from the demand of the city. The purpose of this essay is to present some considerations of classical authors in the social sciences on rural and urban, also using the ball of the concept of space to present issues related to the city and the countryside. At the end of this text has been possible to consider the relations between the rural and urban, even changing, are closely linked.

Key Words: Rural, Urban Space.

¹ Mestrandas no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS/Unimontes. Contatos: karol_marci@hotmail.com / carminhacarvalho21@yahoo.com.br

² Professoras no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS/Unimontes. Revista Desenvolvimento Social Nº 10 v 3/n. 10, 2013. (ISSN 2179-6807). pp. 63-73

INTRODUÇÃO

Pensar na relação entre rural e urbano é ir além da questão do território. Hoje é clara que a formação do espaço está intimamente ligada às questões sociais e econômicas. A cidade foi surgindo e se consolidando como local de importância a partir das transformações do campo. O campo, por sua vez, adquiriu nova roupagem a partir da demanda da cidade.

Partindo da definição de Lefebvre (1999) sobre o espaço, como “resultado de uma história que deve se conceber como a obra de agentes ou atores sociais, de sujeitos coletivos, operando por impulsos sucessivos.” (p.69) E ainda afirmando que são das interações sociais que surge o espaço urbano, o autor deixa claro que é nas relações sociais que se consolida e afirma o que é urbano e rural. Assim, o território passar a ser mais uma característica a ser considerada, e não propriamente um ponto de partida para delimitar essa dicotomia.

A proposta deste ensaio é apresentar algumas considerações de autores clássicos das ciências sociais sobre o rural e o urbano, utilizando também a esfera do conceito de espaço ao apresentar questões relacionadas à cidade e ao campo. Ao final deste texto foi possível considerar que as relações entre o rural e urbano, mesmo em constante mudança, estão intimamente ligadas entre si.

O Campo e o Rural

Pensar o rural é buscar uma definição por diversos olhares e dimensões. Pode-se pensar o rural pelo natural, campo de produção, local de morada, questão econômica, turismo, entre outros. Atualmente o campo, espaço do rural, incorporou diferentes funções para a sociedade. Sua face de contraposição ao urbano sofreu modificações e hoje é possível pensar em uma íntima relação entre estes espaços.

Com base no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Siqueira (2001) aponta que as definições de rural derivam do Plano Diretor de cada município, o que por sua vez, é elaborado por técnicos, mas são submetidos à aprovação nas câmaras municipais, ou seja, são critérios políticos que vão definir o que é rural. Assim, tem como base a tradição e representação que o poder público tem do rural, e não os critérios estabelecidos cientificamente, derivados de estudos, que permitem apreender o verdadeiro contexto que envolve cada território.

É necessário ressaltar a definição da FAO/DAS (1998) apud Abramovay (2000), na qual afirma que

ainda que em muitos casos a agricultura ofereça o essencial das oportunidades de emprego e geração de renda em áreas rurais, é preferível não defini-las por seu caráter agrícola. Há crescente evidência de que os domicílios rurais (agrícolas e não-agrícolas) engajam-se em atividades econômicas múltiplas, mesmo nas regiões menos desenvolvidas. (ABRAMOVAY, 2000, p.06).

Conforme as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser cada vez menos dominadas pela agricultura. Existem empreendimentos agropecuários, em alguma medida, nas áreas urbanas. Abramovay (2000) apresenta uma definição do rural a partir do tamanho populacional

Há os critérios quantitativos na delimitação dos territórios rurais, privilegiando o tamanho populacional para tal definição. Desse modo,

em Portugal, na Espanha, na Itália e na Grécia são rurais os locais com menos de 10 mil habitantes, e há também outros países latino-americanos como: Argentina, Bolívia, México, Venezuela, Honduras, Nicarágua e Panamá que adotam um limite populacional que varia entre 1.000 e 2.500 habitantes para a definição de rural. (ABRAMOVAY, 200, p. 07).

O autor Wanderley (2001) analisa o rural como a constituição de um local de vida, com particularidades de modo de vida e referências identitárias, fazendo com que se construa um sentimento do local.

Desse modo, Wanderley (2001) oferece importante contribuição ao analisar o rural de forma dinâmica e contraditória, pois ao mesmo tempo em que ocorre a integração com as cidades, ocorrem também às lutas para manter suas particularidades que o urbano tenta aniquilar. Desse modo, as diferenças entre rural e urbano criam simultaneamente identificações e reivindicações, constituindo o rural como um ator coletivo do processo. Dessa maneira ele define o rural como uma dialética, ou seja, grupos e instituições o definem atribuindo sentido a estas diferenças e sua ação-notadamente política- afeta estas diferenças, cria e revela outras, às quais são atribuídos novos sentidos. (WANDERLEY, 2001).

Com relação aos aspectos econômicos, podemos concluir através de Ponte (2004) que:

Nas relações econômicas, o rural não está mais atrelado exclusivamente às atividades agropecuárias, mas ao uso da terra para outras atividades como prestação de serviços, local de moradia e ocupações não-agrícolas, apesar de considerar que essas “novas” atividades não configuram toda a realidade do campo brasileiro. Porém, há uma ampliação dessas características, fazendo com que o rural não mas identificado apenas com as ocupações agrícolas. Sendo assim, o rural deve ser entendido como um território criado pelas relações econômicas, sociais e políticas que a população do campo estabelece com a terra. (PONTE, 2004, p.08).

Assim, já pela busca de uma conceituação do espaço rural, utilizamos as afirmações de Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981) que descrevem este com um espaço de predomínio da natureza sobre o ambiente social criado pelo homem e uma relação mais imediata com a natureza. Suas dimensões são formadas por fazendas, aldeias, famílias isoladas ou pequenas comunidades. Densidade demográfica pequena e população mais homogênea no que diz respeito às características raciais e psicossociais, além de pequena estratificação e complexidade social. A área do sistema de interação dos seus membros é mais restrita. Com relações primárias ocupando uma parte mais importante e predomínio das relações pessoais, relativamente duradoras.

A Cidade e o Urbano

Se definir o rural requer diferentes olhares, a questão do urbano ainda é mais complexa. Com os novos meios de comunicação e propagação da informação, saber onde é urbano, onde acontece o comportamento urbano, requer muita cautela.

Um autor clássico da Ciências Sociais que consolidou o estudo sobre as cidades foi Max Weber. Ao analisar e definir o conceito de cidade, o autor foi além e criou categoriais para distingui-las.

Para Weber (1973) o espaço da cidade vai além do seu tamanho

Pode-se tentar definir de diversas formas a “cidade” (...), é comum a todas representá-la por um estabelecimento compacto (...), como uma localidade e não casarios mais ou menos dispersos. [...] A localidade considerada sociologicamente significaria um estabelecimento de casas pegadas umas às outras ou muito juntas, que representam, portanto, um estabelecimento amplo, porém conexo, pois do contrário faltaria o conhecimento pessoal mútuo dos habitantes, que é específico da associação de vizinhança. (WEBER, 1973, p.68).

Ao analisar a cidade, Max Weber não negligenciou os aspectos do campo. Para o autor a diferenciação destes dois espaços vai além da organização do espaço e perpassa pela organização econômica, pois a formação da cidade proporcionou o surgimento do fenômeno “economia urbana”, substituindo a “economia autárquica” e a “economia nacional”.

O autor propõe um olhar para a cidade através do econômico, afirma que para isso seria necessário estabelecer um parâmetro para analisar a dependência da indústria e do comércio por parte dos habitantes para viverem. E assim define

Falaremos de “cidade” no sentido econômico quando a população local satisfaz uma parte economicamente essencial de sua demanda diária no mercado local e, outra parte (...), mediante produtos que os habitantes da localidade e a povoação dos arredores produzem ou adquirem para colocá-los no mercado. (WEBER, 1973, p. 69).

Neste apontamento de Weber é possível notar um indicativo de como se dá a relação entre o espaço urbano e rural, onde produtos originados nos dois espaços são trocados mutuamente, um atrelamento da produção local e da relação social.

Já Manuel Castells (2000), ao analisar o urbano, propõe a seguinte definição de cidade

As cidades são a forma residencial adotada pelos membros da sociedade cuja presença direta nos locais de produção agrícola não era necessária. Quer dizer, estas cidades só podem existir na base do excedente produzido pelo trabalho da terra. (p. 41).

A cidade é o lugar geográfico onde se instala a superestrutura político-administrativa de uma sociedade que chegou a um ponto de desenvolvimento técnico e social (natural e cultural) de tal ordem que existe uma diferenciação do produto em reprodução simples e ampliada da força de trabalho, chegando a um sistema de distribuição e de troca, que supõe a existência. (CASTELLS, 2000, p. 42-43).

Referência também nos estudos sobre o urbano, este autor é enfático ao afirmar que o

Urbano designaria então uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta, tendo como correlato previsível uma diferenciação funcional e social maior. (CASTELLS, 2000, p. 40).

Ainda pertencente à definição de Castells (2000), mas fazendo uma comparação com o rural, o autor afirma que é no espaço urbano que é notado uma “heterogeneidade social e funcional”, que acontece pelo distanciamento vigente na sociedade moderna.

Segundo o Dicionário de Sociologia (1997), “a vida social nas cidades tende a ser mais anônima e baseada em relações formais e complexa divisão do trabalho, em uma população heterogênea.” (p. 245) E ainda, essa formação faz com que, apesar de ser um ambiente estimulante, também tornar-se alienador.

Em seu texto *O que é urbano, no mundo contemporâneo* Monte-Mór (2006) realiza uma análise sobre os aspectos formadores do espaço urbano, em alguns momentos com comparação com o rural, resgatando autores clássicos e apresentando novos direcionamentos teóricos.

Para o autor, a incorporação da ideia do urbano ao espaço da cidade se deu a partir da consolidação da indústria, criando a cidade industrial. Analisando a relação entre a cidade e o campo, Monte-Mór (2006) define que

A cidade passou a não mais apenas controlar e comercializar a produção do campo, mas também a transformá-la e a ela agregar valor em formas e quantidades jamais vistas anteriormente. O campo, até então predominantemente isolado e autosuficiente, passou a depender da cidade para sua própria produção, das ferramentas e implementos aos bens de consumo de vários tipos, chegando hoje a depender da produção urbano-industrial até para alimentos e bens de consumo básico. (MONTE-MÓR, 2006, p. 8).

Diante do exposto é claro verificarmos a transformação que o conceito de urbano sofreu ao longo dos anos. É fato que a formulação do que é o urbano hoje ultrapassa o território, não sendo mais somente delimitado pela vivência na cidade. O comportamento urbano, atualmente, está relacionado também ao pertencimento das praticas comuns à sociedade urbana, ou seja, é possível está no rural e viver o urbano.

Diferenciação ente Rural e Urbano

A partir da década de 1950, com o processo de urbanização, industrialização e de modernização da agricultura brasileira o modelo urbano-industrial se sobrepôs ao agrário, o que promoveu expressivas modificações nos espaços, modificações estas que se refletem nas relações entre o rural e o urbano. (Mendes e Mesquita, 2011).

Os autores afirmam que

A evolução do urbano determina o predomínio das manifestações, em diferentes graus de intensidade da cidade sobre o campo. Diante disso, a realidade socioespacial torna-se cada vez mais complexa e os espaços rural e urbano, não podem ser compreendidos separados um do outro, visto que não existem isoladamente. Estes espaços se relacionam e se interpenetram, o que gera diferentes níveis de integração e/ou distanciamento. (MENDES e MESQUITA, 2011, p. 01).

Comparando campo e cidade a partir das “ideias” que estes espaços incitam-nos, Williams (1989) aponta que

a imagem comum do campo é agora uma imagem do passado, e a imagem comum da cidade, uma imagem do futuro. Se as isolarmos deste modo, fica faltando o presente. A ideia do campo tende à tradição, aos costumes humanos e naturais. A ideia da cidade tende ao progresso, à modernização, ao desenvolvimento. Assim, num presente vivenciado enquanto tensão, usamos o contraste entre campo e cidade para ratificar uma divisão e um conflito de impulsos ainda não resolvidos, que talvez fosse melhor encarar em seus próprios termos. (WILLIAMS, 1989, p. 397).

Assim, é claro uma transformação da concepção sobre esses espaços. Atualmente há um distanciamento, ainda que não tão grande, da hierarquização entre o campo “atrasado” e “cidade” progresso.

Pensando nestes espaços sob ótica do tempo, entre antigo e moderno, Endlich (2006) aponta que

Enquanto na antiguidade, as primeiras divisões do trabalho diferenciam cidade e campo, facilitando a delimitação dos mesmos, e, no medievo, os muros eram característica essencial da demarcação, cercando a cidade e separando-a do campo, na modernidade, definir limites entre um e outro é tarefa complexa, pois estes tendem a desaparecer fisicamente. (ENDLICH, 2006, p. 11).

Dessa maneira, cada vez mais as relações entre os dois espaços vão se tornando mais próximos, deixando de ser opostos, mas algumas diferenças ainda existem e precisam ser enfatizadas para compreendermos o que é o campo e a cidade. (MENDRAS, 1969).

De acordo com Endlich (2006) e Sobarzo (2006), ambos influenciados pelo francês Henri Lefebvre, se aproximam ao compreenderem o rural e o urbano como modos de vida, como conceitos relacionais que contemplam cultura, costumes e hábitos, e assim vão além do território, da materialidade. Os autores convergem ao considerarem o “novo rural” como não – rural, visto que é criado por uma demanda da cidade e só tem aparência de rural.

Autores como Rua (2006) defende a ideia de “urbanidades no rural”, que segundo o autor difere daqueles que falam de uma “urbanização do rural”. Esta levaria ao desaparecimento do rural que se tornaria urbano, enquanto aquela preservaria as especificidades do rural, contudo, considerando-o como um território híbrido, onde urbano e rural interagem.

A partir da questão da oposição, Mendras (1969) apresenta que

A oposição entre cidade e campo não é, porém, senão uma face da realidade, pois os citadinos e os rurais foram, em certos aspectos, uma única sociedade. Têm em comum uma mesma cultura, pois partilham das mesmas crenças e das mesmas contradições. Participam de um mesmo mercado econômico, no qual trocam os produtos de suas atividades complementares. Por outro lado, não estão as cidades povoadas com gente proveniente do meio rural?(...) o problema pode ser encarado sob um mesmo aspecto diverso: o de existir em toda a sociedade nacional, do ponto de vista estrutural, uma divisão em dois ambientes culturais distintos – o ambiente urbano e o rural. (MENDRAS, 1969, p.36).

Assim, a definição dos conceitos de urbano e rural não devem ser realizadas apenas por uma característica, mas sim através de uma combinação de vários traços típicos. Podemos enumerar oito dessas diferenças de acordo com Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981) como: Tamanho da comunidade, densidade populacional, nomenclatura administrativa, composição ocupacional da população ou outros elementos semelhantes.

A partir dos escritos de Sorokin, Zimmerman e Galpin (1981) podemos citar as diferenças principais entre rural e urbano:

- 1) Quanto às diferenças ocupacionais, o rural somente fazem parte os agricultores e suas famílias. Na zona Urbana as pessoas se ocupam principalmente das atividades industriais, comércio, profissões liberais, burocracia estatal e em outras atividades não agrícolas.
- 2) Já nas diferenças ambientais, podemos perceber que no meio rural há o predomínio da natureza sobre o ambiente social criado pelo homem e uma relação direta com a natureza. No meio urbano temos um maior isolamento da natureza e o predomínio do ambiente construído pelo homem, sendo um espaço mais hostil, com a presença constante do Cimento e o aço.
- 3) Na dimensão das comunidas o meio rural é composto por fazendas, aldeias, famílias isoladas ou pequenas comunidades. “Agriculturalismo” e dimensão da comunidade inversamente correspondente. No meio urbano em regra, na mesma região e no mesmo tempo a dimensão de uma comunidade urbana é muito maior do que a rural (correlação positiva com a dimensão da comunidade).
- 4) Densidade demográfica o rural, está na mesma região e no mesmo tempo a densidade é menor que nas comunidades urbanas, ou seja, uma correlação negativa com a densidade. Já no urbano há uma correlação positiva com a densidade.
- 5) Homogeneidade e a Heterogeneidade das populações, nas populações das comunidades rurais são mais homogêneas no que diz respeito às características raciais e psicossociais (correlação negativa com a heterogeneidade). Na urbana na mesma região e no mesmo tempo a população é mais heterogênea do que nas comunidades rurais (correlação positiva com a heterogeneidade).
- 6) Diferenciação, estratificação e complexidade social a diferenciação e estratificação rurais são menores do que as urbanas. A diferenciação e estratificação urbanas mostram uma correlação positiva com a sociedade urbana. Os aglomerados urbanos são marcados por uma complexidade maior, manifesta em uma maior diferenciação e estratificação social, já a rural é menos complexa, possui estrutura menos estratificada.
- 7) Quanto à mobilidade, na zona rural a mobilidade territorial, ocupacional e todas as outras formas de mobilidade social são relativamente menos intensas. Normalmente a corrente migratória leva mais pessoas do campo para a cidade do que no sentido inverso. Na urbana é mais intensa, há uma correlação positiva com a mobilidade. Só nos períodos de catástrofe social a emigração da cidade para o campo é maior do que a do campo para a cidade.
- 8) Para a interação o meio rural há menor número de relações per capita. A área do sistema de interação dos seus membros é mais restrita. As relações primárias ocupam uma parte mais importante. Predomínio das relações pessoais e relativamente duradoras. Relativamente maior simplicidade e sinceridade das relações. “Interage-se com qualquer um como pessoa”. As relações urbanas são mais numerosas. A área do sistema de interações é mais ampla. Predomínio das relações secundárias. Predomínio das relações impessoais, casuais e de breve duração. Maior

complexidade, variedade, superficialidade e “estandardização” das relações. Interage com qualquer um com “número” e “endereço”.

Assim o campo passou a ser associado a uma forma natural de vida — de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações — de saber, comunicações, luz. (WILLIAMS, 1989).

Nessa perspectiva, Wanderley (2001) afirma que, no ponto de encontro do rural/urbano

[...] as particularidades de cada um não são anuladas, ao contrário são a fonte da integração e da cooperação, tanto quanto das tensões e dos conflitos. O que resulta desta aproximação não é a diluição de um dos pólos do *continuum*, mas a configuração de uma rede de relações recíprocas, em múltiplos planos que, sob muitos aspectos, reitera e viabiliza as particularidades (WANDERLEY, 2001, p. 33).

Já Veiga (2004) nos mostra que há evidências históricas das contradições entre urbano e rural,

São bem diversas as combinações entre os vários tipos de atividade econômica que permitem elevar os níveis de renda, educação e saúde de muitas populações rurais. As novas fontes de crescimento das áreas rurais são principalmente ligadas a peculiaridades dos patrimônios natural e cultural, o que só reafirma o contraste entre os contextos ambientais dos espaços urbanos e rurais. Enfim, a divisão de uma inelutável marcha para a urbanização como única via de desenvolvimento só pode ser considerada plausível por quem desconhece a imensa diversidade que caracteriza as relações entre espaços rurais e urbanos dos países que mais se desenvolveram. Não faz sentido, portanto, amalgamar desenvolvimento e urbanização. (VEIGA, 2004, p. 26).

Por fim, Williams (1989) nos afirma que nem a cidade irá salvar o campo, nem o campo, a cidade. A velha luta travada entre ambos se tornará um conflito generalizado. Para o autor o capitalismo, enquanto modo de produção é o processo básico por trás da maior parte da história do campo e da cidade. Os processos de transformações das relações entre campo e cidade é a força motriz de um modo de produção que efetivamente mudou o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentarmos algumas definições de campo e rural e cidade de urbano buscamos delimitar o que se tem entendido no âmbito das ciências sociais sobre estes conceitos. Foi notório que estes ainda estão em pleno desenvolvimento, sobretudo com o constante surgimento de novas formas de interações sociais.

A questão da definição do rural e do urbano já ultrapassou a noção de abrangência só do território, hoje se relaciona com o espaço, mas também com as relações sociais e até com a questão do pertencimento ao local, que influencia diretamente o comportamento dos atores sociais. Fatores como o acesso a diferentes tipos de informações, culturas e comportamentos têm influenciado diretamente a

vivência dos atores sociais nestes dois espaços distintos. O rural está no urbano. O urbano está no rural.

Assim, as interpretações do rural e urbano precisam ser encaradas por meio da superação das visões tradicionais associadas ao campo e à cidade, ora reconhecidos pela oposição e distinção, de maneira dicotômica, e ora relacionados a uma subordinação, na qual a cidade avança pelo campo, supre suas especificidades e o homogeneiza.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. Rio de Janeiro: IPEA (Instituto Econômico de Pesquisa Aplicada), 2000. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pud/td/autor005.html>>. Acesso em: 22 nov. 2012.

CARNEIRO, M. J. Apresentação. In: MOREIRA, J. R. (Org.). Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 7-13.

CARNEIRO, M. J. Ruralidades: novas identidades em construção. Estudos – Sociedade e Agricultura, n. 11, p. 53-75, out. 1998.

CASTELLS, Manuel. A questão urbana. O Fenômeno Urbano: delimitações conceituais e realidades históricas. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: Relações e Contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

JOHNSON, A. G. Dicionário de Sociologia: Guia prático de Linguagem Sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Brasil: Editora UFMG, 1999.

LINDER, Michele; ALVES, D. Flamarion; FERREIRA, R. Enéas. Presença da Ruralidade em Municípios Gaúchos: O exemplo de Silveira Martins, RS - XIX ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, São Paulo, 2009, pp. 1-15.

MENDRAS, Henry. A cidade e o campo, em QUEIROZ, M.I. P (Org.), Sociologia Rural. Rio de Janeiro, Zahar, 1969.

MESQUITA, A.P; MENDES, E.P.P. Valores rurais em vidas urbanas: a relação com o lugar no Distrito de Pires Belo, Município de Catalão (GO). Centro de Estudo de Geografia do Trabalho - XII JORNADA DO TRABALHO 2011.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. O que é o urbano, no mundo contemporâneo. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006.

PONTE, K.F. (RE) Pensando o conceito de rural. REVISTA NERA - ANO 7, N. 4 – Janeiro/Julho DE 2004 - ISSN 1806-6755.

RUA, João. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. Campo-território: revista de geografia agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p.82-106, fev. 2006. Disponível em: <www.campoterritorio.ig.ufu.br>. Acesso em: 18 dezembro de 2012.

SIQUEIRA, Deis; OSÓRI, Rafael. O conceito de rural. In: GIARRACCA, Norma. (Org.). Uma Nueva Ruralidad en América Latina?. Buenos Aires: Asdi/ Clacso, p.66-79, 2001.

SOBARZO, Oscar. O rural e o urbano em Henri Lefebvre. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: Relações e Contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SOROKIN. P; ZIMMERMAN,C;GALPIN,C. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza. (org.) Introdução crítica a Sociologia Rural. São Paulo: HUCITEC, 1981.

VEIGA, José Eli. Nem tudo é urbano. Cienc, Cult, Abril 2004, vol.56. no.2,p.26-29. ISSN 0009-6725. p. 26-29.

WANDERLEY, M. de N. B. A ruralidade no Brasil moderno. por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: ¿Una nuevaruralidad en América Latina? Norma Giarracca. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. p. 31-44. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em: 03 de março de 2010.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Texto inédito, 2001.

WEBER, Max. Conceito e Categorias de Cidade. In: O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1973.

WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, Cap.25. Pp. 387- 409.